

O dinheiro e generos, que para aqui tem vindo, supomos que é sómente para remunerar-se os serviços eleitoraes !

Triste situação é a nossa !

Até com a desgraça do povo especula-se, em proveito dos salteadores !

A unica obra que a *escrupulosa* comissão emprehendeu foi levantar a parede do sangradouro da lagôa, em que tem empregado 30 de seus protegidos, com tres administradores, sendo o chefe o bem conhecido—João Luiz.

Note-se, que cada administrador, segundo consta, percebe 1.280 e 2.500 reis diarios !

Chame para isto a atenção do Sr. Estellita. »

Telha.—Extractamos a seguinte noticia de uma carta de um nosso amigo, firmada em 5 do corrente:

« E com o coração transido de afflictão que debroço-me sobre o papel para ligeiramente dar-lhe noticia d'esta inditosa terra tão despresada n'esta calamitosa crise pelo nosso corrupto governo.

Aqui não ha mais o que comer-se !

O povo cahe inanido ás camadas !

Já cinco pessoas foram arrebatadas pela voracidade da fome !... Já não existem ! Que horror !

Seguiu para ahi enorme aluvião de povo em busca de pão e fugindo á uma morte cruciante e ignominiosa !

Juntamos nossa voz ao ultimo suspiro das cinco victimas da fome e cobrimos de maldicio este miserável governo ! »

Quixeramobim.—A população dessa cidade vae se extinguindo de pouco a pouco, já pela inanicação, já pela espantosa emigração.

A este respeito encontramos no *Pedro II* de 13 do corrente os seguintes trechos de uma carta escripta d'ali:

« Achando-se inteiramente caracterizado entre nós o terrivel flagello da secca, já começaram a desenvolver-se os seus terríveis effeitos por cacos de morte de inanicação entre os velhos e crianças, e por uma não interrompida emigração de miseraveis, que vão guiados pelo instincto de conservação procurar remir a vida.

« Se não houverem algumas chuvas, que faço rebentar nova rama, vae desaparecer inteiramente o resto do gado vaccum e cavallar, e então, ainda havendo inverno em 1878, supponho que achará deserto o nosso Quixeramobim. »

Falta de humanidade.—Lê-se no *Ceará* de 15 do corrente:

« Não tem justificação possivel o procedimento do Sr. capitão-tenente Pedro Hypolito, commandante do vapor *Pernambuco*, para com os infelizes cearenses que deviam n'este vapor seguir para o norte.

Quando os pobres emigrantes em numero de 260 começavam a embarcar, o Sr. commandante mandou levantar ancora, e partiu aceleradamente, sem attenção alguma aos desventurados que ficavam.

Muitos dos que se foram deixaram aqui esposos, paes, filhos etc. e sua bagagem na praia.

Ao passo que um brasileiro assim procede, é doloroso dizer-o, os commandantes

dos paquetes inglezes desvelam-se em cercar os infelizes de todas as attenções que inspira o seu infortunio.

E' com o maior pezar que consignamos factos d'esta ordem.»

Para as victimas da secca.—A ilustrada redacção da *República*, do Rio, pede ao jornalismo da corte e sul do Imperio a publicação do seguinte annuncio:

A situação do Brazil.

Os artigos publicados na *República*, com a epigrapha acima, vão ser reunidos em um folheto, corrigindo o seu autor alguns erros de impressão.

O producto da venda será para as victimas da secca do Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba, por serem as províncias que mais têm sofrido.

Estão abertas listas de subscrição na rua do General Camara n. 33, escriptorio do autor, e no escriptorio da *República*, rua de S. José n. 10.

O preço minimo do folheto será de 10. reis e a lista dos subscriptores virá publicada no fim do folheto.

A subscrição se fechará no fim de amez, a contar de 26 de Agosto deste anno.

Pede-se a todos os jornaes da corte e do sul do Imperio, a que chegar a noticia desse annuncio, o favor de publicá-lo, atendendo ao fim a que é destinado o producto das subscrições.

P. A. Ferreira Viana.

ASSEMBLÉA GERAL.

CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS

SESSÃO EM 10 DE AGOSTO DE 1877.

INTERPELLAÇÃO AO SR. MINISTRO DO IMPÉRIO

O Sr. Martim Francisco:—Quizera, Sr. presidente, satisfazer-me com as declarações feitas pelo Sr. ministro do Imperio. Infelizmente me parecem elas a confirmação de que os meios indicados pelo governo para debellar o flagello da secca têm sido evidentemente incompletos e insuficientes.

S. Exc. allegou que não é exacto o que se diz a respeito do sofrimento por que tem passado a população do norte. Entretanto a imprensa de todos os matizes politicos e a própria imprensa oficial publica dia a dia o sofrimento das populações do norte, e S. Exc. mesmo nos disse que quando a Divina Providencia veio em auxilio de alguma das populações enviando-lhes a chuva não lhe approve entretanto socorrer a província do Ceará, que maiores sofrimentos tem padecido durante esta época calamitosa. As chuvas ou não têm caido nos sertões d' aquela província ou têm caido em muito pequena quantidade.

S. Exc. contestou os factos narrados pela imprensa, mas a unanimidade d'esta em sua linguagem revela que certamente alguma causa de real, de exacto deve haver em tais asseverações. Pode haver n'um ou n'outro ponto exageração; mas as cartas mesmo que são enviadas aos nossos collegas pela província do Ceará, que pelas relações com que elles me distinguem eu tenho visto, afirmam a continuação do flagello.

O que convém verificar pois é a efficacia dos meios empregados. S. Exc. contestou o facto da morte pela fome de quatro crianças; entretanto o próprio *Jornal do Comércio*, transcre-

vendo este facto da imprensa do Ceará, referiu-se a uma pessoa acima de qualquer suspeita. A noticia publicada foi extraída de uma carta do Dr. Paula Pessoa, geralmente conhecido e estimado, e que já foi nosso collega n'esta cámara.

S. Exc., referindo-se aos depositos publicos, disse que no Rio Grande do Norte e na Parahyba se tinham feito tais depositos, mas as medidas foram incompletas, porque realmente a província que mais precisa d'esses depositos é a que mais tem sofrido é a província do Ceará. É possível que lá se tenham feito tais depositos, entretanto parece-me que se a medida fosse tomada nas proporções precisas não apareceria sempre essa insistencia por parte da imprensa.

O Sr. PAULINO NOGUEIRA:—No Ceará não ha depositos.

O Sr. MARTIM FRANCISCO:—Vê S. Exc. que o nobre deputado pelo Ceará affirma a não existencia dos depositos. Acredito que o Sr. ministro do Imperio emendará a mão, ordenando que elles sejam feitos, e não será insensivel ás afflictões da população do Ceará. Cumple confessar no entanto que houve reparável desidia em não se ter feito causa alguma sobre tal assumpto na província que mais sofre do flagello, pondo os depositos ao alcance das populações flageladas, e ate o meio mais urgente era este. (Apoidados.)

Quanto á emigração, tão efficaz é o meio, que a população o emprega por si, foge dos pontos onde não encontra socorros para aqueles onde os ha; mas essa emigração em massa para povoações em condições normaes não infinita para se depauperarem os meios ordinarios que estas possuem e não lhes trará também o flagello da fome ? Como não toma o governo a medida de distribuir essa população por diversos pontos ?

S. Exc. diz que recommendou aos presidentes do Pará e Amazonas que dessem passagens aos retirantes; mas essas só têm sido dadas nos paquetes das linhas subsidiadas; por ventura é isto sufficiente ? Pois o governo, que tem dinheiro para tantos desperdícios, não tem dinheiro para fretar alguns navios e polos á disposição dos presidentes d'essas províncias, para que facilitem o transporte das populações flageladas ? O governo tem dinheiro para construir, sem autorisação, no arsenal de marinha um kiosque, que se diz ha de custar 30.000\$000 para celebrar o lançamento á agua de uma corveta; estes 30.000\$000 seriam melhor empregados em remediar os sofrimentos das populações do norte. (Apoidados.)

O governo tem dinheiro para expedir telegrammas declarando que o Sr. deputado André Figueira denunciou a emissão de 10.000:000\$ feita secretamente pelo gabinete Zácaras. Este dinheiro do telegramma seria melhor empregado em socorrer as victimas do norte. (Risadas.)

O Sr. DANTAS:—Leia, que é da gazeta oficial.

O Sr. MARTIM FRANCISCO:—(Lê). Esta é a pergunta que fazem em relação ao telegramma recebido. (Apoidados)

Diá por dia o *Jornal do Comércio* amanhece pejado de entrelinhados a respeito de uma questão já dinamisada homeopaticamente. Este dinheiro dos entrelinhados o governo emprega muito melhor socorrendo aqueles que sofram e para os quaes na terrivel situação em que se acham todos os recursos são poucos. (Apoidados.) Se o governo tem convicção do modo por que procedeu; sa entende que procedeu bem deve-se julgar defendido até a saciedade, deve parar com o desperdício dos dinheiros publicos, deve empregá-los de preferencia em beneficio dos brasileiros que morrem á minguas levantando supplicas as mãos para Deus, por que nada mais esperam do governo do seu paiz. (Muito bem da oposição liberal.)

O Sr. TABACINO DE SOUZA:—Mas isto não prova que o telegramma fosse do governo.

O Sr. MARTIM FRANCISCO:—Se negar o governo o facto a inculcação não procede.

S. Exc. afirmou que do suprimento de viveres tem havido abundancia por forma tal que não se têm levantado queixas a este respeito;

ILEGIVEL

entretanto a imprensa todos os dias declara que a população emigra por falta de recursos.

Por maior que seja a remessa de viveres, não podem chegar para a população faminta; o governo não tem mesmo meios para acudir de prompto aos 80 ou 100 mil indivíduos e mais, quem sabe? que soffrem. E' por esta razão que eu lhe aconselho varios meios a empregar.

S. Exc. disse—a esmola não avulta, porque é o Estado que a dá. Eu não disse que a esmola avultava; disse apenas que, empregada como meio ordinário, gerava na população o hábito da miseria, e que era preferível dar aos cidadãos brasileiros meios de trabalho, para que continuasse no hábito de cultivá-lo, e mais tarde não soffresssem as consequências de uma situação tão anormal.

Empregando o governo os recursos de que dispõe em fomentar trabalhos públicos, em iniciar uns e prosseguir em outros, dando lugar ao desenvolvimento da actividade dos que procuram recursos para viver, os cidadãos vítimas do flagelo devem aceitar de preferencia este meio digno e honesto de sustentarem suas famílias, evitando os horrores da fome.

Se os dinheiros públicos devem ser distribuídos para tais socorros, não é melhor que o sejam também em proveito d'essas províncias? Sem dúvida.

S. Exc. combateu a idéa da construção de acudes, e combatê-a dizendo não servir como recurso imediato. Declaro que o não sugeri como tal. Fallei d'essa espécie de trabalho como podendo dar emprego aos braços inativos na actualidade, e como proveitoso no futuro àquelas mesmas províncias, evitando a repetição ou reaparecimento da seca.

Sei perfeitamente que os acudes não podem ser um recurso imediato, nem há esperança de que as águas venham logo encher os em epochas anormais; mas em todo o caso servirão para que mais tarde, constituindo verdadeiros depósitos de água, se torne mais difícil a reprodução do flagelo.

Quanto à emigração, insisto no meio como eficaz. Compreendo que é melhor realizar a emigração para os pontos mais próximos. Se nas outras províncias do norte não flageladas pela seca houver trabalho a dar às vítimas da seca, sejam elas transportadas para pontos mais próximos; e se o não houver, ah! estão as províncias do sul, que não se acham sujeitas a este flagello, promptas a receber seus irmãos do norte.

O governo tem colônias em condições de prosperidade, e trabalho para dar a esses emigrantes. Além d'issò, há colônias de particulares perfeitamente regidas e que prosperam, para onde o governo pode mandar as vítimas da seca.

Acuda, portanto, o governo aos brasileiros que morrem à mingua. Assim cumprirá o seu dever, merecerá os aplausos de todas as parcialidades políticas e da população do Brazil. (Muito bem; muito bem.)

LITTERATURA.

A caridade.

Dois vultos tristes, medonhos,
A passos lentos caminham,
De dois povos se avisinharam.
Cercando-os do mesmo mal.
A miseria—disfarçada
Em seca horrível e em cheia,
No Brazil urna se ateia.
Outra inunda Portugal.

Aqui um sombrio espetro
Envolto em negra roupagem;
Chuvas, ventos, atroz voragem,
Roubando o casal, e a luz,

Fere a mãe estremecida,
Deixa o filho na orphandade,
Por cumulo de impiedade
Arranca-o dos pés da cruz.

Ali é risonho céu;
Sempre azul o firmamento,
Fresca aragem, brando vento,
O sol ardente a brilhar;
Não se pôde conceber
Que junto a tanta beleza,
Morra um povo na pobreza
A' força de trabalhar.

—Uma esmola por piedade—
Eis a prece ao Omnipotente;
Desperta um anjo dormente
Com esse grito universal:
Quem gema? Quem sofre tanto?
Diz o anjo ao Creador
—São filhos do teu amor,
Do Brazil, de Portugal.

Seccam-se as flores do prado.
No prado inundam-se as flores;
Caminham n'esses horrores
Os dois irmãos a chorar:
« Um pisando a areia ardente,
« O outro à morrer de fome,
« E ambos em desvario
« Sem tecto para os abrigar.»

E n'esse quadro afflictivo,
Que nos punge o coração,
Um anjo de salvação
Se mostra na imensidão.
Quem és—pergunta a miseria—
Que me queres supplantar?...
Diz-lhe o anjo a soluçar:
« Quem sou eu? A caridade.

Caridade! Tu... sorriso
Dos labios do Creador!
Etheria e mimosa flor
Dos jardins da Creação,
Abre os cofres do usurário,
Une a plebe à fidalgia,
Faz da pobreza alegria,
Do rico e pobre um irmão.

Coroatá, Junho 1877.

F. VARELLA.

(Do *Paiz do Maranhão*.)

TRANSCRIÇÃO.

A seca do Ceará e o governo.

Mais de uma vez tem o Sr. conselheiro Costa Pinto, na qualidade de ministro do Império, subido à tribuna parlamentar para informar sobre as providências tomadas pelo governo em relação aos socorros prestados às vítimas da seca do norte.

Na ultima discussão que teve lugar por occasião da interpelação do Sr. conselheiro Martin Francisco, S. Exc. repetiu, o que por vezes tem dito, acrescentando que os socorros do governo têm chegado a toda a parte, onde se tem feito sentir sua necessidade, e tão avultados que não tem havido

um só reclamo, que não fosse prevenido, achando-se estabelecidos pelos centros das províncias depósitos abundantes de viveres, conhecidos pelos retirantes, sendo outras providências tomadas não só quanto à distribuição do trabalho, como a emigração d'aqueles que procuram em outras províncias os recursos de sua subsistência.

Sem contestar a asseveração de S. Exc., devo dizer, que quanto à província do Ceará, muito longe se acham estas boas intenções do governo.

Firmado no testemunho de cearenses muito distintos, com quem me acho em correspondência, os senadores Pompeu, Paula Pessoa, coronel Theodorico, desembargadores Vicente Alves, Paula Pessoa Filho, Drs. Accioly, Rodrigues, João da Rocha, padre João Ramos, Raymundo Theodorico, João Brígido e outros, posso asseverar, que a ação do governo se tem feito sentir na província, distribuindo algumas quantias e gêneros como recursos de momento; mas não como medida preventiva de acautelar a tremenda crise por que passa e há de passar a província.

Para mostrar que esta é a verdade, copiarei do expediente da comissão criada pelo presidente para a distribuição dos socorros, as seguintes remessas para diversas localidades, que dão a idéa d'estes recursos:

« A partir de 14 de Abril a 30 de Junho (dous meses e meio) o Sr. presidente da província enviou às diversas localidades os seguintes socorros:

« Telha, 200 saccos de farinha, 76 de arroz, 62 de feijão, 76 de milho, 2 barricas de rosas e 2.500\$000.

« Lavras, 40 saccos de farinha, 4 de arroz, 20 de feijão, 8 fardos de xarque e 500\$000.

« Imperatriz, 200 saccos de farinha, 40 de arroz, 20 de feijão, 50 de milho, 18 fardos de xarque e 2.000\$000.

« Arraial, 50 saccos de farinha, 20 de arroz, 5 de feijão, 5 de milho.

« Sobral, 190 saccos de arroz, 80 de feijão, 150 de milho, 1 fardo de fazendas e 2.000\$000.

« Tamboril, 30 saccos de farinha, 20 de arroz, 10 de feijão, 10 de milho e 1.000\$.

« Santa Quitéria, 30 saccos de arroz, 20 de feijão, 10 de milho e 500\$000.

« Quixeramobim, 122 saccos de farinha, 47 de arroz, 28 de feijão, 20 de milho, 7 fardos de xarque, 2 barricas de rosas, 3 de bacalhão e 1.500\$000, recomendando-se que d'estes gêneros se divida algum para Sitia.

« Icó, 650 saccos de farinha, 286 de arroz, 56 de feijão, 126 de milho, 4 barricas de rosas, 1 fardo de fazendas e 3.000\$, recomendando-se que divida os gêneros para Bebedouro e Quixélo.

« Quixadá, 148 saccos de farinha, 48 de arroz, 29 de feijão, 33 de milho, 3 fardos de xarque, 2 barricas de rosas, 6 de bacalhão e 1.000\$000.

« Baturité, 40 saccos de farinha, 20 de arroz e 15 de feijão.

« Jardim, 2.000\$000.

« Crato, 1.500\$000 e 1 fardo de fazendas. »

E assim por diante, podendo designar todos os lugares para onde têm sido remetidos soccorros, n'estas e em proporções muito menores, tendo tomado as mais bem aquinhoadas.

Esta distribuição foi útil e tem sido de muitas vantagens para a nobreza: se assim não fosse, a miseria já teria chegado às proporções para a qual se prepara.

Porém com tais recursos certamente não se constitue celeiros e nem grandes depósitos, que hão de conjurar os horrores de uma secca, que durará até o anno vindouro, e que de Outubro em diante não será mais possível o transporte de uma saca de farinha, a não ser carregada á cabeça ou nas carrocinhas, de que já falei, e que talvez nem o governo lhe prestasse atenção; no entanto o tempo, infelizmente, mostrará se seria ou não conveniente tomar essa precaução.

O povo não tem notícia d'estes celeiros de que falla o Sr. conselheiro Costa Pinto, e a prova está na emigração em massa que faz para as cidades do litoral, abandonando casa, interesses e até os filhos, como se tem verificado em outras épocas, cuja reprodução não será de admirar.

Até agora mantém-se o povo nas suas localidades á custa dos seus próprios recursos, prevalecendo-se muitas vezes até de uma alimentação nociva; resiste ao abandono do lar quanto pôde, porém chega a occasião que tudo falta, e então principia a emigração.

Na capital consta-nos que já sóbe o número dos emigrantes a 10,000, isto é, 10,000 infelizes que têm por tecto a abobada celeste e por leito um pouco de palha secca. No Aracati, Sobral, Acaracú e Granja o número já é avultado.

Se em Julho é esta a emigração, façase idêa em Dezembro a quanto attingirá!

Se os depósitos do governo fossem abundantes no interior, como disse o nobre conselheiro Costa Pinto, certamente esta gente não abandonaria as suas casas, ao menos não se exporia a uma longa e penosa travessia exposta ás maiores misérias da vida.

Se o Sr. conselheiro Costa Pinto tivesse a infelicidade de observar uma d'estas caravanas de 40, 50 e 100 pessoas, e visse estampado na face d'estas victimas do infortúnio o supplicio da fome, da sede, do cansaço, certamente não pediria que se não desse atenção ás descrições que se tem feito.

Não ha palavras, Sr. conselheiro, que exagerem, por que elas não são suficientes para descreverem com verdadeiros traços os desastres de uma população flagellada pela secca!

Já o disse, e repito, o governo tem acudido com os seus recursos, como medida de momento, mas não tem-se compreendendo da necessidade de prevenir os terríveis efeitos de uma secca, de que já deve estar convencido, que ha de durar até o seguinte anno.

Convença-se também o governo, de que a caridade pública tem sido tão prodigiosa para os cearenses, que tem conseguido mitigar esta calamidade.

Se o governo não tivesse encontrado

tantos auxiliares, já concorrendo com o seu obulo, já se prestando a todos os serviços na distribuição dos soccorros, teria conhecido as grandes dificuldades de sua missão.

Na capital, e mesmo em toda a província se acha organizado um sistema de comissões, e cada um dos seus membros dedica-se com tanto interesse e caridade, que os soccorros se tem prestado com tal conveniencia, que a fome não tem imperado com o seu hediondo poder.

O governo, melhor do que eu, deve saber a somma de socorros que particularmente tem affluído em beneficio dos cearenses, e quanto tem isto alliviado os cofres do Estado, empregando todos os melhores esforços para mitigar tanta miseria.

Se as ordens do governo são terminantes a respeito da distribuição do trabalho aos pobres, não faltará em que o empregar, e o Sr. Estellita deve estar habilitado para dar-lhe conveniente destino.

Se a emigração para fora da província estabelecer-se, será um mal para a província, um triste recurso para o expatriado, porém mais triste será viver na miseria exposto á fome ou á morte.

Acredito que o governo se ha de penetrar da missão que lhe é imposta pela calamidade da secca, desprendendo-se da convicção que ha exageração no que se diz. Tome em quanto é tempo o alvitre de estabelecer depósitos importantes de viveres no interior da província, com isto cumpre um dever inherent á posição, um dever de caridade, e evita a crescente emigração para as cidades do litoral.

Não se persuada que tem feito tudo quanto é possível, muilo ainda resta fazer.

Rio, 14 de Agosto de 1877.

Dr. CASTRO CARREIRA.

(Do Jornal do Commercio.)

A PEDIDO.

Os corvos bimanes.

Por toda a parte aparecem os Pachecos e os Scaligeros que corvejam sobre a miseria e a nudez! Não são sómente os Pompeus que *toman o pulso* das pobres e inocentes donzelas que siminuas e vergadas, mas pela fatalidade que as açoita, que pelo pudor de virgens, que obedecem aos medicantes que *inspeccionam* mesmo as *acometidas* de formosura.

D'essa qualidade de medicos está cheia a terra e elles se multiplicam á proporção que os males vão aparecendo.

E' assim que uma porção de moços libertinos fazem *caçadas de retirantes bellas*, e pôem em prática a sedução—arma maldita dos D. Juans que levam ao seio da família exilada da sorte—a prostituição.

Outro dia nós que somos também retirantes tivemos occasião de ver diversos d'esses D. Juans e entre elles notamos um tal C. Pacheco que é *morto e vivo* na estrada de Mecejana sentado n'uma rede, todas as tardes.

E' preciso que ou a autoridade compe-

tente tome providencias contra esses visitantes, ou então os retirantes uzem de seus direitos e mettam-lhes o cacete.

Os Souzas.

UM POUCO DE TUDO.

No dia 7 do corrente, como estava anunciado, teve lugar em Arronches a benção da pedra do futuro asilo de alienados, com todas as formalidades do estylo.

Depois d'esta cerimonia fizeram-se ouvir os Srs. José Albano, Frederico Borges, Lourenço Pessôa, Francisco Perdigão de Oliveira, Domingos Bento de Abreu e alferes Carvalho.

Entre estes sobressaiu o Sr. Perdigão por sua linguagem franca e despida d'essas phrases coloridas, com que os dandys da actualidade costumam afor. noseal-a.

A *fallação* do Sr. Pessôa não esteve má; porém tornou-se odiosa, por que S. S. julgando que aquella festa era alguma conferencia católica, muniu-se de uma arma inflame e vil, a qual pozi em prática, calcando assim á pés as cinzas do benemerito Visconde de Cauhy, uma vez que elle pertencia tambem a maçonaria, a quem o Sr. Pessôa procurou n'aquele dia sepultar debaixo da pedra do asilo.

Os demais deram satisfatoriamente seu recado.

A concurrencia foi geral. Lá estava o nosso *sublimado*; mas em lugar de ter no peito sua adorada *semper-viva*, tinha um cravo branco.

O mais interessante da festa foi o sa-christão de Arronches ir paramentando o Sr. Estellita, supondo ser o Sr. Bispo.

E teve razão para confundir-se com elles, pois—ambos tem excellencia, são c'roados e mitrados.

O Sr. José Albano até esta data nada nos disse sobre os dois contos de réis que recebeu do Sr. Antonio Theodorico.

Estarão elles encantados, ou seriam distribuidos com aquellas seis pauperrimas viuvas?

E' bom saber-se.

Porque seria que a camara municipal não continuou a comprar farinha para mandar retalhar no mercado, como fez .. pouco tempo?

Seria para satisfazer ao Barão, ou ao Capote?

Cala-te bocca....

De novo apareceu a *Tribuna Cathólica*; mas d'esta vez trouxe seu masuleu estampado na primeira pagina.

Coitada, ainda não morreu e já está enchada.